

Próteses enferrujam no corpo, diz estudo

Segundo o Instituto Nacional de Tecnologia, a oxidação ocorre em razão da má qualidade do material utilizado e eleva o risco de corrosão em placas, pinos e parafusos, que podem provocar inflamações

EDMILSON SILVA

RIO — Estudo que vem sendo realizado pelo Instituto Nacional de Tecnologia (INT) demonstra que o mercado está inundado por órteses ortopédicas (suportes metálicos para ajudar no processo de consolidação de fraturas) que estão enferrujando depois de certo tempo de uso.

A oxidação, consequência da falta de qualidade no material utilizado para fazer as placas, pinos e parafusos, acaba provocando inflamações e novas fraturas, obrigando o paciente a recorrer a outras cirurgias. Os resultados preliminares desse levantamento serão divulgados durante o 18º Congresso Brasileiro de Corrosão (Conbrascorr), promovido pela Associação Brasileira de Corrosão (Abraco), que será realizado no Hotel Copa D'Or, em Copacabana, entre os dias 20 e 24.

**ESTIMA-SE QUE
O MINISTÉRIO
DA SAÚDE
GASTE CERCA DE
30% DOS
RECURSOS COM
ÓRTESES**

Responsável pelas análises que têm como objetivo principal dotar o Brasil de normas de regulamentação especificando os materiais adequados para as órteses e próteses, o coordenador do Laboratório de Corrosão do INT, engenheiro metalúrgico Eduardo Cavalcanti, constatou falhas nas 23 órteses analisadas até agora.

A principal falha refere-se à quantidade de impurezas no material utilizado para fabricar as órteses, o que eleva o risco de ocorrer corrosão.

Cavalcanti explica que mesmo não havendo estatísticas que dêem conta da magnitude desse problema no Brasil, deve-se estar atento

e vigilante para evitar que órteses de má qualidade continuem a ser utilizadas no País. “Em se tratando de uma questão de saúde, o que importa não são os percentuais, mas o cuidado para evitar o sofrimento desnecessário de uma pessoa”, observa o

engenheiro, que, em futuro próximo, também pretende avaliar a qualidade das próteses empregadas em ortopedia.

Placas e pinos — Um depoimento que pode apontar para a magnitude que o problema da falta de especificação nas órteses alcança no País é o do gerente industrial da Synthes do Brasil, Anselmo Quinelato. “O mar está infestado de piratas”, assegura Quinelato, referindo-se à quantidade desconhecida de empresas que fabricam e vendem placas, pinos e parafusos que constituem as órteses.

Estima-se que aproximadamente 30% dos gastos do Ministério da Saúde com material cirúrgico especializado sejam com o pagamento de órteses. Apenas no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, interior de São Paulo, cerca de mil pessoas são submetidas a órtese a cada ano. **Fundo de quintal** — “A falta de especificação faz com que qualquer empresa de fundo de quintal do interior paulista produza as órteses e saia por aí vendendo para qualquer hospital”, reforça Cavalcanti. “O paciente é o último que fala e o primeiro que chora, infelizmente”, comenta Quinelato. Segundo, Cavalcanti há fabricantes que oferecem percentuais aos ortopedistas para que tenham os seus produtos indicados nos processos de compras.



Engenheiro Eduardo Cavalcanti, do INT: próteses de má qualidade continuam sendo usadas no País

Raimundo Valentim/AE